

# Um pesticida para o caixa dois

Alex Freitas



**L**ula meteu-se em grande encrenca ao dizer que uma parte do dinheiro da privatização da Telebrás possivelmente vai para o caixa dois da campanha de FFHH. Terá que se explicar e dificilmente sai dessa sem se desdizer. Tentou consertar dizendo "Não acusei, apenas insinuei", e ficou pior a emenda que o soneto. Apesar disso, levantou uma questão que bem poderia começar a ser discutida a sério: o dinheiro dos financiamentos eleitorais.

A legislação eleitoral brasileira avançou significativamente em 94. Ao criar um bônus, permitiu que se registrasse o ervanário recebido pelos candidatos. (Não vale argumentar que esse registro revela apenas uma parte do que circulou, porque nesse caso se está desqualificando a conduta do candidato que declara e, sobretudo, a transparência de quem dá por cima da mesa.)

Ficando-se apenas com os números da campanha presidencial, FFHH recebeu R\$ 33,6 milhões e Lula 4,2. O Banco Itaú, por exemplo, deu R\$ 1,7 milhão a FFHH e R\$ 500 mil a Lula. O Bradesco foi o maior doador dos tucanos, com R\$ 2,3 milhões, e não deu um centavo ao PT.

Esses números podem parecer desbalanceados, mas o dinheiro é deles, e o dão para quem bem entenderem. Sobre tudo quando se trata de ajudar a eleição de um presidente que poderá legislar sobre seus patrimônios.

Nas contas, porém, há uma anomalia. Enquanto as doações para Lula estão mais ou menos divididas entre pessoas físicas e jurídicas, o dinheiro que foi para FFHH tem outra composição. Dos R\$ 34 milhões, pouco mais de R\$ 100 mil vieram de pessoas que coçaram o próprio bolso. A banca pingou R\$ 10 milhões do dinheiro dos seus acionistas, mas não há registro do nome de diretor de grande banco, grupo industrial ou empreiteira na lis-

ta das pessoas físicas. Esquisito: são generosos com o dinheiro das empresas e avarentos com o que está em suas carteiras. Exatamente o contrário do que acontece nos Estados Unidos, num contexto diferente. Em 1992, Robert Rubin, principal executivo da casa bancária Goldman Sachs, e atual secretário do Tesouro, deu a Bill Clinton US\$ 275 mil de seu próprio bolso. (Não lhe farão falta, está montado em US\$ 100 milhões.)

A transparência resultante da divulgação da lista de doadores brasileiros provocou desconfortos e hoje não há empresário que veja virtudes nesse sistema. Aí é que está o problema: ou a coisa funciona com o bônus, ou o que sobra é espaço para roubalheira e caixa dois. Pela esquiwa, é comum ouvir-se que o novo sistema não deu certo, porque acabou provocando mais constrangimentos do que transparência.

Isso é tão falso quanto uma nota de três reais. O sistema de bônus revelou que FFHH recebeu oito vezes mais que Lula. Revelou também que as grandes empresas descarregaram o que puderam em sua candidatura. Finalmente, revelou que os bancos foram seus principais financiadores. (Confirmou-se assim a lição de PC Farias, o tesoureiro de Collor. Ele insistia em dizer que os maiores financiadores eram os bancos, não os empreiteiros.)

Os bônus podem não ter mostrado o tamanho exato do bicho, mas deram aos cidadãos informações jamais reveladas. Nada impede que FFHH, Lula e Ciro Gomes venham a público e anunciem à choldra que estão dispostos a submeter as suas contas ao exame de uma comissão de notáveis escolhida de comum acordo. Ela não teria poder contábil. Só poder moral. Quando os financiadores informam que preferem o caixa dois à lei, é disso que se precisa.